

INFORME ESPECIAL



JULIANA BUBLITZ

informe.especial@zerohora.com.br
Instagram @ju_bublitz Twitter @jubublitz

30 anos de dança em 30 coreografias



Uma das mais tradicionais escolas de bailado do Rio Grande do Sul – a Cadica Cia de Dança (fotos) – está completando três décadas e, para celebrar, prepara uma apresentação de luxo no Theatro São Pedro, na Capital.

Amanhã, às 20h, bailarinos e bailarinas de diferentes gerações irão encenar 30 coreografias que marcaram a história da instituição, conhecida pela fusão do flamenco com o folclore gaúcho. A escola foi fundada em 1993 por Cadica Costa, que dá nome e alma ao legado.

– É um presente divino

celebrar esses 30 anos. Tenho me emocionado todos os dias desde que começamos os preparativos – conta Cadica (ao lado), que, desde 2017, divide o comando da companhia com a filha, Emily Borghetti.

No espetáculo, dirigido pela dupla, ex-alunos farão números especiais e levarão a família consigo – muitos casais inclusive se conheceram e se formaram nas aulas de dança. Haverá, também, mensagens no telão, de antigos integrantes que vivem fora do país. Ingressos no site theatrosaopedro.rs.gov.br.



CLAUDIO ETGES, DIVULGAÇÃO

Antirracista

O professor carioca Allan Perviguladez (foto), conhecido por usar a música contra o racismo nas escolas, vem a Porto Alegre. Ele participa, nesta



quinta-feira, de um seminário sobre os 20 anos do artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases, voltado à educação antirracista. Perviguladez é um fenômeno nas redes: desde que compôs *O Meu Cabelo é Bem Bonito*, seus vídeos ultrapassam os 10 milhões de visualizações. Ele também é consultor antirracista do Instituto Vini Jr.

Falta muito

Promovido pela Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil (Atricon), com apoio da UFRGS e do TCE, o evento vai debater os desafios da lei, que torna obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira e indígena. Segundo a Corte, 89,3% dos municípios do RS declararam que nada investiram para o cumprimento da legislação e só 14,3% capacitaram professores.

GZH

Leia outras colunas em
gzh.com.br/julianabublitz

Bom exemplo

Um curso da Escola da Magistratura da Associação dos Juizes do RS (Ajuris) foi usado como referência no Relatório Especial sobre a Liberdade de Religião ou Crença apresentado na Assembleia Geral da ONU pela relatora do tema, Nazila Ghanea. Intitulado Freedom of Religion or Belief in the Justice System, o curso é coordenado pelo desembargador gaúcho Jayme Weingartner Neto e oferecido em parceria com a Universidade de Oslo, na Noruega, e a Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais.

Um passo à frente na agenda climática

O governador Eduardo Leite (foto) deu um passo importante, ontem, com o lançamento do programa ProClima 2050, que prevê medidas relacionadas ao aquecimento global. Leite também confirmou a criação do gabinete de crise climática, formado, entre outros atores, por um conselho científico de notáveis, replicando o modelo adotado na pandemia – sugerido aqui em setembro.

Ainda que muito do que foi dito não dependa só do governo, o anúncio foi um compromisso público de Estado, que, de largada, merece aplausos por reconhecer os alertas da ciência e não dar ouvidos ao negacionismo em tempos de desinformação. O desafio será a execução do plano. Para que saia do papel, será preciso



ter a adesão das forças econômicas (sem isso, não há plano que se sustente), da academia e da sociedade civil, dos municípios e de seus representantes. Esse é o

grande nó a desamarrar.

O ProClima 2050 prevê ações de resiliência e adaptação, de transição energética, de redução dos gases de efeito estufa e de educação ambiental e conscientização até 2050. Para isso, o Estado firmou uma parceria de R\$ 1,5 milhão com uma instituição internacional chamada ICLEI, que tem sede na Alemanha e oferece consultoria técnica a gestões locais em mais de 130 países.

Mesmo que a natureza não “respeite fronteiras”, é responsabilidade de todos os governos fazer algo pelo clima. A luta é inglória, mas precisa ganhar força.

Eles deixaram as respostas

E se fosse possível fazer perguntas a 14 cronistas e escritores que já não estão entre nós e que fizeram história no RS? Parece impossível, mas a Associação Riograndense de Imprensa (ARI) foi lá e fez. O resultado é tão surpreendente que virou livro. Com a participação de 12 jornalistas, a obra *Entrevistas Póstumas – Eles Deixaram as Respostas, Nós Fizemos as Perguntas* é uma pérola. O mais curioso é que não se trata de ficção. Todas as respostas foram pesquisadas nas publicações deixadas pelos “entrevistados” – de Aparício Torelly (o Barão de Itaré, na caricatura acima) a Paulo Sant’Anna.

A primeira experiência envolveu o famoso “barão”, que morreu há 51 anos. Para a missão, foram convidados 50 craques, entre eles Rosane de



Oliveira e Marta Sfredo.

Rosane perguntou se é verdade que “todo homem tem seu preço”. A resposta: “Todo homem que se vende recebe muito mais do que vale”. Marta entrou na brincadeira e quis saber, afinal, para que serve um banco. O barão devolveu: “É a instituição que empresta dinheiro à gente, se a gente apresentar provas suficientes de que não precisa”.

Não é exagero dizer que esta foi a maior (e talvez única) entrevista coletiva póstuma da história do Brasil.

O LIVRO SERÁ APRESENTADO HOJE, ÀS 19H, NO BAR DA ARI (BORGES DE MEDEIROS, 915, NA CAPITAL), E TERÁ LANÇAMENTO NO PRÓXIMO SÁBADO, ÀS 18H, NA FEIRA DO LIVRO DE PORTO ALEGRE. DICA: A ENTREVISTA COM PAULO SANT’ANA, FEITA POR NILSON SOUZA, É UMA JOIA.